

História da psicanálise

Freud, história e memória¹

Elisabeth Roudinesco²

Resumo: Freud nunca foi tão estudado quanto hoje, talvez porque, quando a criação e a teoria estão em crise, o trabalho da história começa. Será questionada aqui a linha de fratura entre a história e a memória, que atravessa a psicanálise desde sua origem. Freud pensava que a psicanálise podia se aplicar a todas as áreas do saber, e é por isso que não há nele ideias históricas como tais. A história da psicanálise foi inicialmente escrita por Ernest Jones, discípulo de Freud, uma história oficial, baseada em um princípio biográfico, no centro da qual o pai fundador é apresentado como o iniciador único de uma descoberta do inconsciente, em ruptura com o pensamento de seu tempo. Em seguida, sob o impulso da historiografia científica, a psicanálise foi recolocada na perenidade da história das medicinas da alma. Por outro lado, no decorrer do século xx e ainda hoje, a psicanálise, sua história e sua memória são objeto de discussões, especialmente a respeito de Kurt Eissler, psicanalista vienense que emigrou para os Estados Unidos e que foi o primeiro a constituir um vasto lugar de memória para o movimento psicanalítico: os famosos Arquivos Freud, depositados na Biblioteca do Congresso, em Washington. Mais tarde, veio uma época de revisionismo, inicialmente saudável, quando se questionava a hagiografia dominante, depois exacerbado, tanto no mundo anglófono quanto na França. Veremos como se opuseram a lenda negra e a lenda dourada, entre a fantasia de um saber absoluto baseado no culto do arquivo e um delírio in-

1 Conferência a convite de *Psicoterapia e Scienze Umane*, Bolonha, 16 de janeiro de 2016. Trabalho original publicado em 2016: *Psicoterapia e Scienze Umane*, 50(4), 653-664.

2 Historiadora da psicanálise, responsável por um seminário na École Normale Supérieure (ENS), colaboradora do *Le Monde des Livres* e autora de 25 obras traduzidas para 20 idiomas. Seu livro mais recente é *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo* (Seuil, 2014; Zahar, 2016), pelo qual recebeu o Prix Décembre. A ser publicado em outubro deste ano: *Dictionnaire amoureux de la psychanalyse* (Plon; Seuil).

terpretativo que não quer saber de nada. Entre história e memória, questionaremos a articulação entre uma história da teoria do inconsciente, a história do próprio Freud e, finalmente, a história da psicanálise como terapêutica.

Palavras-chave: história da psicanálise, psicobiografia, judaísmo, biografia de Sigmund Freud, Luzes

Há décadas os psicanalistas têm uma tendência a ignorar sua história, especialmente a de Freud: sua vida privada e intelectual, as condições de emergência de sua doutrina, seu modo de trabalho, e o consideram, de modo geral, como um ser abstrato, desencarnado, fora da história. Para eles, não é necessário saber quem ele era, nem em que época viveu, para se interessarem pela psicanálise, que transformam em uma teoria estrutural e atemporal, sacralizada, ensinada de forma repetitiva, como um *corpus* imutável. Por essa razão, diante não apenas dos historiadores, mas também dos arquivos, eles se afastaram dos trabalhos científicos sobre o assunto e se baseiam, sem sequer perceber, na biografia de Jones e na história oral composta de rumores e de reconstruções. Eles veem Freud como o próprio Freud se apresentou, através de lendas e mitos: a autoanálise; a operação de autocriação de uma doutrina por seu fundador; o complexo de Édipo; uma psicologia das famílias aplicável a todas as situações; a pulsão de morte inventada em todos os seus aspectos depois da morte de sua filha ou, ao contrário, sem relação com essa morte; a metapsicologia, que sabemos que nunca pôde ser construída; e finalmente os “grandes casos” publicados por Freud e comentados por todas as escolas psicanalíticas, sem a preocupação de identificar as pessoas reais cujo caso tornou-se uma narrativa em forma de ficção.

Em resumo, há entre os psicanalistas uma vontade de pensar a história de Freud em termos psicanalíticos. Acontece que, a meu ver, atualmente, uma comunidade que não quer olhar para a sua história está condenada a não renovar seus conceitos básicos, sua clínica e sua doutrina. E pude constatar, ao decidir elaborar a primeira biografia de Freud escrita por um autor francês, que nenhum psicanalista francês – com uma única exceção (quem não começou a fazer uma biografia de Freud?) – foi aos Arquivos Freud da Biblioteca do Congresso, em Washington, e que, portanto, uma grande parte de quem foi de fato Freud é desconhecida da comunidade psicanalítica.

Ora, penso que a melhor forma de voltar a Freud hoje, de refletir a seu respeito, de reinventá-lo, é mergulhar na história: retornar aos fatos, à época em que ele viveu – o fim do século XIX, a *Belle Époque*, a Primeira Guerra Mundial, o fim dos impérios da Europa Central, a constituição de um movimento de combatentes por uma causa, depois o fim da Europa e o aniquilamento pelo nazismo do mundo germanófono e, portanto, da psicanálise como Freud a tinha

concebido e que só sobreviverá tornando-se uma coisa diferente do que tinha sido na mente de seu fundador: americana, inglesa, latino-americana, até mesmo francesa etc. Acredito que, para reinventar Freud e sua doutrina, é preciso mostrá-lo construindo sua época ao mesmo tempo que era construído por ela. E foi o que fiz, há muito tempo, especialmente na biografia escrita por mim. Não existe, de um lado, a psicanálise no sentido clínico e, de outro, sua história. Não existe, de um lado, a vida privada de Freud, um homem de carne e osso, e, de outro, um pensador abstrato e uma doutrina: tudo precisa ser pensado em conjunto, historicizado. É necessário tirar Freud das diferentes interpretações psicanalíticas e tentar encontrá-lo de outra maneira... pela voz da história...

Escreveram-se várias dezenas de biografias de Freud, desde a primeira, publicada enquanto ele ainda vivia, em 1924, assinada por seu discípulo Fritz Wittels, que se naturalizou americano, até a de Peter Gay, publicada em 1988, passando pelo monumental edifício em três volumes de Ernest Jones, questionado a partir de 1970 por Henri F. Ellenberger, e os trabalhos da historiografia científica, nos quais me baseio. Sem contar o trabalho historiográfico realizado por Emilio Rodrigué, primeiro biógrafo latino-americano, que teve a originalidade, em 1996, de inventar um Freud da loucura, mais próximo de um personagem de García Márquez que de um cientista oriundo da velha Europa. Cada escola psicanalítica tem seu Freud – freudianos, pós-freudianos, kleinianos, lacanianos, culturalistas, independentes –, e cada país criou o seu. Cada momento da vida de Freud foi comentado inúmeras vezes, e cada linha de sua obra interpretada de múltiplas maneiras, a ponto de podermos fazer uma lista, como as de Georges Perec, de todos os ensaios publicados sobre o tema de um “Freud acompanhado”: Freud e o judaísmo, Freud e a religião, Freud e as mulheres, Freud clínico, Freud em família com seus charutos, Freud e os neurônios, Freud e os cães, Freud e os franco-maçons etc.; mas também dedicados a inúmeros adeptos de um antifreudismo radical (ou *Freud bashing*): Freud rapina, Freud organizador de um campo de concentração clínico, demoníaco, incestuoso, mentiroso, falsário, fascista. Freud está presente em todas as formas de expressão e de narrativa: caricaturas, histórias em quadrinhos, livros de arte, retratos, desenhos, fotografias, romances clássicos, pornográficos ou policiais, filmes de ficção, documentários, séries de televisão.

Depois de décadas de hagiografia, de aversão, de trabalhos científicos, de interpretações inovadoras e de declarações exageradas, após os múltiplos retornos a seus textos que pontuaram a história da segunda metade do século xx, temos muita dificuldade em saber quem era realmente Freud, tanto o excesso de comentários, de fantasias, de lendas e de boatos acabou por esconder o que foi o destino paradoxal desse pensador em seu tempo e no nosso. É por isso que, eu mesma tendo frequentado durante muito tempo os textos e os lugares da memória freudiana, em minhas aulas ou por ocasião de minhas viagens e de

minhas pesquisas, decidi expor de maneira crítica a vida de Freud, a gênese de seus textos, a revolução simbólica da qual ele foi o iniciador no alvorecer da *Belle Époque*, os tormentos pessimistas dos anos loucos e os momentos dolorosos da destruição de suas atividades pelos regimes ditatoriais. A abertura dos arquivos e o acesso a um conjunto de documentos ainda não explorados ofereceram-me a possibilidade de tal abordagem, e a empreitada foi facilitada pelo fato de que nenhum historiador francês tinha ainda se aventurado nesse terreno, dominado há muitos anos por pesquisas anglófonas de ótima qualidade.

Freud era um homem ambicioso, descendente de uma longa linhagem de comerciantes judeus da Galícia oriental, e que se deu ao luxo, em uma época tumultuada – o desmantelamento dos impérios da Europa Central, a Grande Guerra, a crise econômica, o triunfo do nazismo –, de ser, ao mesmo tempo, um conservador esclarecido, que buscava liberar o sexo para melhor controlá-lo, um decifrador de enigmas, um observador atento da espécie animal, um amigo das mulheres, um estoico adepto das antiguidades, um “destruidor de ilusões” do imaginário, um herdeiro do Romantismo alemão, um demolidor das certezas da consciência, mas também e sobretudo um pai judeu vienense, que desconstrói o judaísmo e as identidades comunitárias, tão arraigado à tradição das tragédias gregas (Édipo) quanto à herança do teatro shakespeariano (Hamlet). Voltando-se para a ciência mais rigorosa de seu tempo – a psicologia –, ele consumiu cocaína para tratar sua neurastenia e acreditou descobrir, em 1884, suas virtudes digestivas. Ele se aventurou no mundo do irracional e do sonho, identificando-se com o combate de Fausto e Mefisto, de Jacó e o Anjo. Depois, fundou um círculo chamado de República Platônica, arrastando com ele discípulos dominados pela busca de uma revolução das consciências. Pretendendo aplicar suas inovações a todas as áreas do saber, ele se enganou sobre as inovações literárias de seus contemporâneos – que, no entanto, lhe emprestavam seus modelos –, desconheceu a arte e a pintura de seu tempo, adotou posições ideológicas e políticas tendendo ao conservadorismo, mas impôs à subjetividade moderna uma espantosa mitologia das origens, cujo poder parece mais do que nunca vivaz, à medida que se busca erradicá-la. À margem da história do “homem ilustre”, abordei, em contraponto, a história de alguns de seus pacientes que levaram uma “vida paralela”, sem relação com a narrativa de seus “casos”; outros que reconstruíram sua cura como uma ficção; outros enfim, mais anônimos, que saíram da sombra pela abertura dos arquivos. Freud sempre pensou que aquilo que ele descobria no inconsciente antecipava o que acontecia aos homens na realidade. Decidi inverter essa afirmação e mostrar que o que Freud acreditou descobrir era, no fundo, apenas o fruto de uma sociedade, de um ambiente familiar e de uma situação política cuja significação ele interpretava magnificamente para fazer dela uma produção do inconsciente. Assim, para refletir sobre ele nos dias atuais e compreen-

der sua obra, é necessário desfazer essa forma pela qual Freud acreditou que sua doutrina antecipava os acontecimentos e demonstrar que ela, ao contrário, foi produzida pelo que acontecia, sem que ele o soubesse. É preciso, portanto, desconstruir os mitos freudianos.

Assim, eu gostaria de fazer surgir outra imagem de Freud, a de um pensador das Luzes sombrias, de um pensador que sempre foi, ao acreditar na razão e no progresso, ao mesmo tempo, e segundo um movimento dialético intrínseco a suas ideias, um pensador crítico das ilusões do progresso e da razão.

Prefiro empregar esse termo, mais que anti-Luzes ou contra-Luzes. Efetivamente, se a expressão anti-Luzes se deve a Nietzsche, que designava assim toda uma corrente ligada ao ódio da revolução e da democracia – de Burke a Wagner –, a noção de Luzes sombrias, que tomo de Theodor Adorno, designa algo totalmente diferente: precisamente a ideia de criticar os excessos ligados à crença na felicidade e no progresso, sem por outro lado abandonar o espírito das Luzes.

Contra os anti-Luzes, Nietzsche queria acender novas Luzes, e é nesse espírito que se pode situar Freud como seguidor de Nietzsche. Ele reascendeu o espírito das Luzes sem ceder às ilusões de um otimismo excessivamente linear. Freud é uma mistura de Diderot, Sade e Voltaire, com um fundo de Romantismo que se tornou científico, como destacará Thomas Mann.

Fascinado pela morte e pelo sexo, mas preocupado em explicar de modo racional os aspectos mais cruéis e mais sombrios da alma humana, Freud teve a ideia, em 15 de outubro de 1897, aos 41 anos, de incluir na grande cena das dinastias trágicas da Grécia Antiga os casinhos privados da família burguesa *fin de siècle*, da qual tratavam, na mesma época, todos os outros psicólogos especializados no estudo das neuroses: “Cada ouvinte”, disse ele, “foi um dia em germe, em imaginação, um Édipo que se espanta diante da realização de seu sonho transportado para a realidade” (Freud, 2006, p. 344). À figura de Édipo ele acrescenta a de Hamlet, herói culpado, confrontado com o espectro de um pai que clamava por vingança.

Que o complexo de Édipo – matar o pai e casar-se com a mãe – tenha se tornado, em seguida, por culpa dos próprios psicanalistas, uma psicologia da família, denunciada por inúmeros filósofos, não diminui em nada a força de um gesto inaugural que consistiu em colocar o sujeito moderno em face de seu destino: o de um inconsciente que, sem privá-lo de sua liberdade de pensar, o determina contra sua vontade. Revolução do senso íntimo, a psicanálise teve por vocação primeira mudar o homem, demonstrando que *o eu é um outro* e que *o ego não é o senhor de sua morada*. Por esse gesto, Freud se afastou dos psicólogos e sexólogos de seu tempo, tornando legível nossa vida inconsciente fora de qualquer “ciência” do comportamento. Ele deu um conteúdo literário e filosófico para essa área, em vez de pretender examiná-la pelos meios da ciên-

cia positiva. E isso mesmo que, de modo ambivalente, ele não tenha deixado de querer dar um conteúdo científico a sua doutrina.

Freud também inscreveu essa referência à tragédia em outra referência constantemente presente em sua obra: a da biologia darwiniana, que serve de modelo metafórico a todos os seus trabalhos. Digo metafórico porque não compartilho a ideia de certos biógrafos de Freud, em especial Frank Sulloway (1979), segundo a qual ele seria um “criptobiologista” do inconsciente. Sem dúvida, há uma ascendência da obra de Darwin em Freud, mas essa ascendência funciona como um mito. No fundo, o que Freud pega emprestado de Darwin é justamente o que ele pega emprestado de Sófocles: a tragédia do homem que, depois de ter se tomado por Deus, se dá conta de que é o descendente de um macaco e que, com exceção da linguagem e do pensamento, é apenas um animal dotado de razão.

Freud foi tanto um pensador do irracional e da loucura quanto um teórico da democracia preso à ideia de que somente a civilização, isto é, a coerção de uma lei imposta à todo-poderosa das pulsões mortíferas, permitia à sociedade escapar de uma barbárie desejada pela própria humanidade.

Mesmo que Freud nunca tenha sido um grande leitor de Sade, ele compartilhava, entretanto, com esse último a ideia de que a existência humana se caracteriza menos por uma aspiração ao bem e à virtude do que pela busca de uma permanente fruição do mal: a pulsão de morte, o desejo de crueldade, o amor ao ódio, o anseio de infelicidade e de sofrimento. Por essa razão, ele reabilita a bela ideia segundo a qual a perversão é necessária à civilização, como uma parte maldita das sociedades humanas e do próprio homem. Mas, em vez de ancorar o mal na ordem natural do mundo, como fazia Sade, e mais do que considerar a animalidade do homem a marca de uma inferioridade racial, como faziam os sexólogos adeptos da teoria da degenerescência, ele preferiu sustentar que somente as artes, a civilização e a cultura eram capazes de arrancar a humanidade inteira de sua própria vontade de aniquilamento.

A partir de 1905, com seus primeiros textos sobre a sexualidade infantil, Freud passou a ser odiado pelos defensores de todas as religiões, que o acusavam de destruir os valores morais, depois pelos adeptos dos nacionalismos, que viam em sua teoria a expressão de uma decadência da soberania patriarcal – e, portanto, de um desaparecimento das fronteiras da autoridade e da lei –, e finalmente pelos representantes de todas as ditaduras, que suspeitavam que ele semeasse a desordem nas consciências. Ciência boche para os franceses, ciência latina para os nórdicos, ciência degenerada para os puritanos anglófonos, a psicanálise foi taxada de ciência judia pelos nazistas e, finalmente, de ciência burguesa pelos stalinistas.

Ao mesmo tempo burguês conservador e rebelde, Freud foi também um emancipador das mulheres, bastante paradoxal, já que permaneceu, em sua

vida privada, preso a um modelo clássico de organização familiar, segundo o qual a mulher passa do estado de noiva ao de esposa e depois ao de mãe. Isso lhe valerá ataques incessantes das feministas, mesmo que se saiba hoje que ele era favorável à contracepção, à liberdade sexual e ao trabalho das mulheres, e hostil à virgindade inutilmente prolongada das jovens solteiras.

Durante a segunda metade do século xx, a psicanálise foi vista como uma falsa ciência pelos defensores das ciências exatas, que a criticaram por não ser possível medir ou avaliar seus dados, depois novamente como uma ciência judia e comunista pela extrema direita e, enfim, como uma ciência satânica pelos muçulmanos radicais, que chamam Freud de sionista, manifestando assim seu antissemitismo profundo, visto que, na verdade, Freud não era sionista. Quanto aos sionistas da atual direita israelense, eles consideram Freud como um mau judeu, infiel tanto ao judaísmo quanto a suas raízes judaicas, pelo fato de ter sido muito reservado quanto à criação de um Estado judeu na Palestina. Em uma palavra, para os muçulmanos antissemitas, Freud é um sionista e, portanto, um inimigo; para os sionistas conservadores, ele é um antissionista e, portanto, um inimigo. Continua sendo, talvez, essa aversão permanente o sintoma mais poderoso da verdade subversiva da invenção freudiana?

Eu diria facilmente, para parafrasear Jacques Derrida (1993), que aquilo que assombra o Ocidente hoje se chama *o espectro de Freud* – similar, aliás, ao espectro de Marx. O que assombra o Ocidente são duas figuras da condição humana das quais Freud se tornou o profeta leigo, numa espécie de continuidade da tradição judaico-cristã: o inconsciente de um lado, a sexualidade de outro, ambos ligados a dois regimes de historicidade necessários à construção de uma subjetividade. A figura ancestral do destino arcaico (Édipo) de um lado, isto é, a longa duração quase atemporal da genealogia, e o desejo de outro (Hamlet), isto é, a culpa ligada à sexualidade.

É muito possível que o surgimento do espectro de Freud seja, ao mesmo tempo, o sinal de um enfraquecimento da psicanálise e o sintoma de sua perenidade. Enquanto forma perfeita de um grande modelo de terapia psíquica baseada no dinamismo, ela se inscreve na perenidade de uma história que tende a transformá-la em uma simples psicoterapia. Enquanto sistema de ideias, ela está em parte ligada a certo humanismo filosófico que postula que a subjetividade humana pode resistir a seu próprio aprisionamento.

Psicanálise e raízes judaicas

A ideia de que a psicanálise seja apenas um mero produto do espírito judeu vienense tem origem em um clichê. E, no entanto, sabe-se bem que os contragolpes da desintegração progressiva do Império Austro-Húngaro fize-

ram dessa cidade, como ressalta Carl Schorske (1980), um dos mais férteis caldeirões de cultura a-histórico de nosso século. Rejeitando as ilusões de seus pais, que acreditavam nas vantagens do liberalismo, os filhos da burguesia se voltaram para uma nova busca identitária. Judeus em sua maioria, e falando várias línguas, eles sonharam – uns com a conquista de uma terra prometida, outros com uma possível regeneração do homem pelo retorno aos grandes mitos do passado: projeto de um Estado judeu para Theodor Herzl, desconstrução do ego para Hugo von Hofmannsthal, negação ou conversão para os intelectuais dominados pelo ódio do id judeu, culto de uma feminilidade transgressiva ou ainda “secessão” ou inversão dos valores da arte clássica para Robert Musil, Arthur Schnitzler, Gustav Klimt ou Gustav Mahler.

Embora estranho a essa modernidade, preferindo a arte da Renascença ou da Antiguidade greco-latina, Freud foi marcado, muito mais do que ele próprio acreditava, por esse movimento, mesmo que fosse apenas em sua concepção de um inconsciente atemporal ou de um psiquismo estruturado em tópicos (o ego, o id e o superego). “É a ele que cabe o mérito”, dizia Karl Kraus, “de ter dado uma organização à anarquia do sonho, mas ali tudo acontece como na Áustria” (citado por Roudinesco & Plon, 1997/1998, p. 442).

Freud tinha pleno conhecimento do grande movimento de regeneração dos judeus inaugurado pelos pais fundadores do sionismo: Theodor Herzl e Max Nordau. Conhecia os homens e as ideias. No entanto, embora nunca tenha negado sua origem judaica, isto é, seu sentimento de pertencimento não à religião judaica ou ao judaísmo, mas à sua identidade de judeu sem deus, de judeu vienense assimilado – e de cultura alemã –, ele não concebia que o retorno à terra dos ancestrais pudesse trazer a menor solução para a questão do antissemitismo europeu. E é por isso que ele preconizava a escolha de outro território que não fosse o das origens: um território novo, onde não se fosse obrigado a travar novas guerras religiosas. A esse respeito, Freud teve a intuição magistral de que a questão da soberania nos lugares santos estaria um dia no centro de uma disputa quase insolúvel, não somente entre os três monoteísmos, mas entre os dois povos irmãos residentes na Palestina. Ele temia, com toda razão, que uma colonização abusiva acabasse por opor, em torno de um pedaço de muro idolatrado, árabes fanáticos e antissemitas a judeus integralistas e racistas.

Não se encontra em Freud nenhuma das grandes imprecisões que marcam o discurso de Nordau sobre o futuro do “novo judeu”. Freud não via os judeus europeus como seres patológicos, degenerados por séculos de opressão. Nunca tendo aderido nem à teoria da degeneração nem à psicologia dos povos, ele não acreditava que somente a ancoragem em uma terra fosse capaz de dotar os judeus de um corpo biológico renovado ou de um psiquismo purificado de todas as antigas taras devidas a sua decadência.

Bem ao contrário, Freud acreditava que havia na origem judia intelectual, separada de suas raízes religiosas ou comunitárias, algo de milagroso e de inacessível a qualquer análise. Esse algo, essa “característica do judeu”, será descrito por ele até a publicação de *Moisés e o monoteísmo*, não como uma eleição ou como um particularismo, mas como um estado trans-histórico, o único capaz de conduzir os judeus a uma verdadeira grandeza, isto é, a esta capacidade inaudita de enfrentar os preconceitos de massa na mais alta das solidões:

Era somente à minha natureza de judeu que eu devia as duas qualidades que se tornaram indispensáveis para mim, em minha difícil existência. Fiquei livre dos preconceitos que limitam, nos outros, o emprego de sua inteligência, porque eu era judeu. Como tal, estava pronto a passar à oposição e a renunciar a me entender com a maioria compacta. (Freud, 1966, p. 398)

A terra prometida investida por Freud não conhece nem fronteira nem pátria. Ela não está cercada por nenhum muro e não precisa de nenhum arame farpado para afirmar sua soberania. Intrínseca ao próprio homem, à sua consciência, ela é tecida de palavras e de fantasias. Herdeiro de um Romantismo que se tornou científico, Freud toma emprestados seus conceitos à civilização greco-latina e à *Kultur* alemã. Quanto ao território que pretende explorar, ele o situa em outro lugar, impossível de definir: o de um sujeito despossuído de seu domínio do universo, separado de suas origens divinas, mergulhado na inquietação de seu ego.

Compreende-se, então, por que Freud, judeu da Haskalá, teve durante sua vida o cuidado, sem nunca conseguir, de que a psicanálise não fosse considerada uma “ciência judia”, isto é, segundo ele, uma psicologia dos particularismos, mas uma teoria científica e universal do inconsciente e do desejo. Freud não queria que sua doutrina fosse trancada em guetos. E, para demonstrar que ele não tinha nada de um *genius loci* – o espírito do lugar –, estava pronto a tudo, em especial a confiar a Carl Gustav Jung, ou seja, a um não judeu que ele considerava antissemita, a direção da Associação Psicanalítica Internacional (IPA): “Nossos camaradas arianos são-nos realmente indispensáveis”, escreve ele a Karl Abraham em 1908, “e sem eles a psicanálise cairia presa do antissemitismo” (citado por Roudinesco & Plon, 1997/1998, p. 419).

Mas o mais surpreendente é que, em 1913, quando Jung deixou o círculo freudiano para criar o seu próprio movimento, Freud, furioso e ferido, perdeu a calma. Detendo-se por algum tempo, atravessado por uma espécie de crise de volta ao judaísmo imaginário de sua doutrina, ele declara que só bons judeus, ou seja, os discípulos do primeiro círculo da *Mitteleuropa*, seriam capazes, no futuro, de levar adiante a política da psicanálise. Finalmente, foi

a Ernest Jones, o único não judeu do comitê secreto, que se confiou a pesada tarefa de dirigir a IPA.

Todos sabem o que acontece depois. Em 1935, adepto da tese do “salvamento” da psicanálise, Jones aceita presidir, em Berlim, a reunião da Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft (DPG), no decorrer da qual os judeus foram obrigados a se demitir. Em seguida, a psicanálise foi decretada ciência judia pelos nazistas, que puseram em ação um verdadeiro programa de destruição, não somente de seus clínicos que não se exilaram, mas também de seu vocabulário, de suas palavras, de seus conceitos. O qualificativo tão temido por Freud só se aplicou à sua doutrina, nunca às outras escolas de psiquiatria dinâmica, fundadas por judeus. Talvez porque a psicanálise fosse a única a reivindicar a herança de uma judeidade sem deus, separada de suas raízes e, portanto, patrimônio da humanidade, ela tenha sido fadada ao extermínio. De fato, quando se extermina o judeu porque ele é judeu, extermina-se o próprio homem.

Eu queria agora, para terminar, falar do pensamento político de Freud, de forma diferente do que fizeram os comentadores habituais – como Paul Roazen –, que geralmente viam nele apenas o conservador e o rebelde, ligado à monarquia constitucional e, no entanto, regicida.

Sabe-se que Freud preferia a monarquia constitucional inglesa à soberania republicana do ano II, instaurada pela Convenção (24 de junho de 1793): a primeira encarnava, a seus olhos, uma cultura do ego, um eu puritano capaz de dominar suas paixões, uma retidão moral, uma ética da opressão; a outra, ao contrário, representava para ele o território do id, a estética da desordem, da libido e da multidão pulsional; em resumo, uma irrupção de forças incontrolláveis, mas não destituídas de sedução. O masculino de um lado, com a admiração por Cromwell; o feminino de outro, com a fascinação por Charcot e as demonstrações da Salpêtrière.

Para além dessa bipolaridade entre Inglaterra e França, e dessa inscrição da diferença dos sexos em suas escolhas culturais, Freud sublinha sem cessar, de *Totem e tabu* até *Moisés e o monoteísmo*, que a morte do pai era sempre necessária na edificação das sociedades humanas. Mas, uma vez concretizado o ato, a dita sociedade só sai da anarquia homicida se esse ato for seguido de uma sanção e de uma reconciliação com a imagem do pai. Dizendo de outra forma, Freud acredita, ao mesmo tempo, na necessidade do assassinato e na da proibição do assassinato, na necessidade do ato e no reconhecimento da culpabilidade sancionada pela lei. Ele acredita que qualquer sociedade humana é atravessada pela pulsão de morte, uma pulsão de morte impossível de erradicar, mas ele também sustenta que qualquer sociedade de direito supõe a existência do perdão, do luto, da redenção.

Talvez se possa deduzir dessa posição a ideia de que a psicanálise é ao mesmo tempo regicida, já que ela se apoia nessa tese freudiana da necessidade

do ato assassino e hostil a qualquer forma de condenação à morte – de suplício ou de pena de morte –, já que o ato, mesmo que ele se repita na história das revoluções, deve ser seguido de uma sanção que tende a abolir a possibilidade do crime e, portanto, da execução capital?

Do mesmo modo e para voltar ao que define as condições do exercício da psicanálise no mundo, pode-se dizer que ela não conhece nem pátria nem fronteiras, mesmo que as formas de sua implantação se revistam de traços característicos das culturas dos países que a adotam. Portanto, ela não é essencialmente adepta da soberania, pois ela não reconhece a soberania sagrada – da nação ou do chefe –, ainda que, historicamente, suas modalidades de transmissão tenham tido sempre como suporte o princípio das filiações ou das *sucessões apostólicas*, como dizia Michael Balint, ou seja, um sistema de iniciação ao saber e à prática que se opera entre um mestre e seu discípulo através da experiência da cura didática. Entretanto, é de fato por não admitir a soberania sagrada que a psicanálise é uma disciplina que supõe a perda das raízes do sujeito diante dele mesmo, uma descentralização do sujeito, como diz Freud, um exílio interior que passa por três humilhações narcísicas: não estar mais no centro do universo, não mais estar fora do mundo animal, não ser mais senhor em sua própria morada.

Freud, historia y memoria

Resumen: Freud nunca había sido tan estudiado como en la actualidad, tal vez porque, cuando la creación y la teoría están en crisis, el trabajo de la historia comienza. Cuestionaremos aquí la línea de fractura entre la historia y la memoria, que atraviesa al psicoanálisis desde su origen. Freud pensaba que el psicoanálisis podía aplicarse a todas las áreas del saber y es por eso que no existen en él ideas históricas como tales. La historia del psicoanálisis fue escrita inicialmente por Ernest Jones, discípulo de Freud, una historia oficial, centrada en un principio biográfico y en el centro de la cual el padre fundador se presenta como el único iniciador de un descubrimiento del inconsciente en ruptura con el pensamiento de su tiempo. Inmediatamente, bajo el impulso de la historiografía científica, el psicoanálisis fue ubicado en la perpetuidad de la historia de las medicinas del alma. Por otro lado, en el transcurso del siglo xx y hasta los días de hoy, el psicoanálisis, su historia y su memoria son objeto de discusiones, especialmente sobre Kurt Eissler, psicoanalista vienense que emigró a los Estados Unidos, que fue el primero en construir un amplio lugar de memoria para el movimiento psicoanalítico: los famosos Archivos Freud, ubicados en la Biblioteca del Congreso, en Washington. Después vino la época de un revisionismo, inicialmente saludable, cuando se cuestionaba la hagiografía dominante, después exacerbado, ya sea en el mundo anglófono o en Francia. Veremos cómo se opusieron la leyenda negra y la leyenda dorada, entre la fantasía

de un saber absoluto basado en el culto del archivo y un delirio interpretativo que no quiere saber de nada. Entre historia y memoria, cuestionaremos la articulación entre una historia de la teoría del inconsciente, la historia del propio Freud y, finalmente, también del psicoanálisis como terapéutica.

Palabras clave: historia del psicoanálisis, psicobiografía, judaísmo, biografía de Sigmund Freud, Ilustración

Freud, history, and memory

Abstract: Freud's work has never been as studied as it is now. It may be because the work of history starts when creation and theory are in crisis. The author discusses in this paper the dividing line between history and memory – a dividing line that has crossed psychoanalysis since its origin. Freud used to think that psychoanalysis could be applied to every field of knowledge; that is why there is no historical ideas in Freud's thinking as such. The history of psychoanalysis was first written by Ernest Jones, a Freud's pupil who presented an official history, focused on a biographical principle and in whose core the founding father was introduced as the one and only responsible for discovering the unconscious, by breaking away from the thinking or ideas of his time. Some time later, scientific historiography played a significant part in placing psychoanalysis back within the permanent history of the medicine of soul. On the other hand, throughout the 20th century and still today, psychoanalysis, its history and its memory have been object of discussion, especially due to Kurt Eissler's work. Kurt Eissler, a Viennese psychoanalyst who emigrated to the United States of America, was the pioneer in providing an ample space for the memory of the psychoanalytic movement: the famous Freud Archives, which are deposited at the Library of Congress in Washington, D.C. The following time has been characterized by revisionism, which was initially healthy while the dominant hagiography was being questioned. After a while, the revisionism has taken an extreme proportion both in France and in English-speaking countries. The author of this paper writes about the way black legend and golden legend have been opposed to each other. She attempts to show the difference between the fantasy of an absolute knowledge, based on the cult of the archive, and an interpretative delirium which refuses to know anything. The author discusses the interrelation between the theory of the unconscious, the own Freud's history, and, at last, the history of psychoanalysis as therapeutics.

Keywords: history of psychoanalysis, psychobiography, Judaism, Sigmund Freud's biography, Enlightenment

Freud, histoire et mémoire

Résumé: Freud n'a jamais été autant étudié qu'aujourd'hui, peut-être parce que lorsque la création et la théorie sont en crise, le travail de l'historien commence. On s'interrogera sur la ligne de fracture entre histoire et mémoire qui traverse la psychanalyse depuis sa naissance. Freud pensait que la psychanalyse pouvait s'appliquer à tous les domaines du savoir et c'est pourquoi il n'y a pas chez lui de pensée de l'histoire en tant que telle. L'histoire de la psychanalyse a d'abord été écrite par son disciple Ernest Jones, une histoire officielle, centrée sur un principe biographique et au cœur de laquelle le père fondateur est présenté comme l'initiateur unique d'une découverte de l'inconscient en rupture avec la pensée de son temps. Par la suite, sous l'impulsion de l'historiographie savante la psychanalyse a été replacée dans la longue durée de l'histoire des médecines de l'âme. Par ailleurs, au cours du xxe siècle, et encore aujourd'hui, la psychanalyse, son histoire et sa mémoire ont fait l'objet de querelles, notamment à propos de Kurt Eissler, psychanalyste viennois émigré aux Etats-Unis, qui a été le premier à constituer un vaste lieu de mémoire pour le mouvement psychanalytique: les fameuses Archives Freud, déposées à la Library of Congress de Washington. Vint ensuite l'époque d'un révisionnisme, d'abord salubre, quand il mettait en cause l'hagiographie dominante, puis exacerbé, que ce soit dans le monde anglophone ou en France. Nous verrons comment légende noire et légende dorée se sont opposées, entre le fantasme d'un savoir absolu fondé sur le culte de l'archive et celui d'un délire interprétatif qui ne veut rien en savoir. Entre histoire et mémoire, on interrogera l'articulation entre une histoire de la théorie de l'inconscient, l'histoire de Freud lui-même et enfin, aussi, celle de la psychanalyse en tant que thérapeutique.

Mots-clés: histoire de la psychanalyse, psychobiographie, judaïsme, biographie de Sigmund Freud, Lumières

Referências

- Derrida, J. (1993). *Spectres de Marx*. Paris: Galilée.
- Ellenberger, H. F. (1970). *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books.
- Freud, S. (1966). *Correspondence: 1873-1939* (A. Berman & J.-P. Grossein, Trans.). Paris: Gallimard.
- Freud, S. (2006). *Lettres à Wilhelm Fliess: 1887-1904* (F. Robert, Trad.) Paris: PUF.
- Gay, P. (1988). *Freud: a life for our time*. London: J. M. Dent & Sons.
- Jones, E. (1953-1957). *The life and work of Sigmund Freud* (3 vols.). New York: Basic Books.
- Rodrigué, E. (1996). *Freud: el siglo del psicoanálisis*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1997)
- Schorske, C. (1980). *Fin de siècle Vienna: politics and culture*. New York: Knopf.

Suloway, F. (1979). *Freud, biologist of the mind: beyond the psychoanalytic legend*. New York: Basic Books.

Wittels, F. (1924). *Sigmund Freud: der Mann, die Lehre, die Schule*. Leipzig: E. P. Tal.

Tradução Marilei Jorge

[Recebido em 20.04.2017, aceito 02.05.2017]

Elisabeth Roudinesco

89 av. Denfert-Rochereau

75014 Paris, France

elisabeth.roudinesco@wanadoo.fr